



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS
MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário
Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da IV Internacional
☎ (11) 95446-2020 - @massas.por
#21/2026 - 13 de agosto - pormassas.org



Manifesto do Partido Operário Revolucionário

A BARBÁRIE NA PALESTINA PROJETA A BARBÁRIE EM TODO O MUNDO

EMPENHO ABSOLUTO PARA CONSTRUIR UMA FRENTE ÚNICA ANTI-IMPERIALISTA

COMBATER O IMPERIALISMO E O SIONISMO SOB A BANDEIRA DO

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO!

Nas duas últimas semanas, a situação na Faixa de Gaza seguiu desmentindo, na prática, a suposta trégua vigente desde outubro de 2025. Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, o número de mortos desde o início da ofensiva israelense em outubro de 2023 chegava, em 11 de agosto, a 73.387 pessoas — mais de 21.500 delas, crianças. Somente desde a entrada em vigor do chamado cessar-fogo, em 10 de outubro de 2025, o mesmo órgão contabiliza 1.257 mortos e mais de 4.100 feridos, além de centenas de corpos ainda retirados dos escombros. Em nota divulgada em 10 de agosto, peritos da ONU registraram uma escalada acentuada dos ataques em julho, quando cerca de 160 palestinos foram mortos somente naquele mês. Nunca é demais lembrar que esses números são subnotificados.

A destruição do sistema de saúde é uma das consequências mais graves da violência contra a população civil. Ataques recentes voltaram a atingir o Hospital Al-Aqsa, em Deir al-Balah, incluindo o depósito de medicamentos e insumos da unidade, agravando uma escassez já crítica de insulina e outros suprimentos essenciais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 43 mil pessoas em Gaza sofreram ferimentos permanentes, um quarto delas crianças. Esse quadro se soma à destruição massiva da estrutura produtiva da Palestina (terras e fábricas), o que coloca a população numa situação de falta de perspectiva de quando a situação vai se estabilizar.

O Norwegian Refugee Council registra dezenas de pedidos de acesso humanitário negados pelas autoridades israelenses desde a assinatura do cessar-fogo, e o volume de caminhões de ajuda que efetivamente entra na Faixa segue muito abaixo do estipulado no próprio acordo. A combinação entre bloqueio, colapso do sistema de saúde, destruição da estrutura física e deslocamento maciço mostram o grau atual da barbárie na Palestina.

Oito países árabes e muçulmanos, Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Egito, Turquia, Paquistão e Indonésia emitiram nota conjunta condenando os ataques israelenses a hospitais e áreas civis em Gaza, enquanto o Alto Comissário da ONU para os Direitos Humanos, Volker Türk, voltou a advertir que a violência de colonos e a anexação de fato da Cisjordânia vêm se acelerando “de forma perigosa”, dois anos depois de a Corte Internacional de Justiça declarar ilegal a ocupação israelense dos territórios palestinos. Essa denúncia mostra o fracasso das declarações e medidas vinculadas à institucionalidade burguesa. Reforça-se a tese de que somente através da luta de classes, com as massas nas ruas e com seus métodos próprios de luta é que será possível dar uma direção progressiva ao que acontece na Palestina.

Em 31 de julho, chegou-se a um “acordo” entre o Hamas e o “Conselho de Paz” (Board of Peace), chefiado por Donald Trump, prevendo o desarmamento dos grupos palestinos em troca da retirada israelense e da transferência da administração civil de Gaza a um comitê técnico sob a supervisão internacional. As Brigadas Al-Quds, braço armado da Jihad Islâmica, aderiram ao texto em 2 de agosto. O primeiro-ministro israelense Binyamin Netanyahu, contudo, rejeitou publicamente o documento de 15 pontos em 9 de agosto, afirmando que as forças israelenses não recuarão de suas posições atuais enquanto o Hamas não estiver plenamente desarmado.

Esse jogo dos genocidas inverte, na prática, a sequência prevista no próprio plano de Trump, que condicionava o desarmamento a uma retirada israelense até a chamada Linha Amarela original. Apesar dos EUA ser o principal criador, impulsionador e financiador de Israel, existem atritos que estão vinculados aos interesses econômicos de um lado e de outro. Para os EUA, o fim do conflito com a derrota do Hamas e a instalação de um go-

verno provisório chefiado pelo próprio Trump significam a possibilidade de deslocar esforços, recursos e planejamento estratégico em direção à Ásia, particularmente à China. Para Israel, trata-se de completar seu plano colonialista, aproveitando que a Palestina nunca esteve tão frágil e destrozada como agora. O controle completo da Faixa de Gaza e da Cisjordânia é o objetivo principal de Netanyahu e do Estado de Israel.

Na Cisjordânia, o Escritório do Alto Comissariado da ONU para os Direitos Humanos classificou a violência de colonos israelenses como “sem precedentes”. Somente nos primeiros quatro meses de 2026 foram registrados cerca de 190 ataques por mês, com dezoito palestinos mortos em episódios envolvendo colonos até julho e quase 700 pessoas deslocadas de nove comunidades diferentes.

A crise em Gaza e na Cisjordânia não pode ser compreendida isoladamente do quadro mais amplo de guerra que Israel e os Estados Unidos travam contra o Irã desde fevereiro de 2026, quando ataques aéreos conjuntos mataram o líder supremo iraniano Ali Khamenei e atingiram alvos nucleares e militares no país. Os pretensos cessar-fogo, em abril, mediado pelo Paquistão, e em junho, por meio de um memorando que previa a reabertura do Estreito de Ormuz, foram repetidamente rompidos, e o conflito voltou a se intensificar em julho. Em paralelo, os ataques de Israel ao sul do Líbano, sob o pretexto de atacar apenas o Hezbollah, mas que mostra outra frente de sua sanha colonialista, já deslocou mais de um milhão de pessoas.

A crise no Oriente Médio projeta a ampliação da crise internacional ainda mais ampla. Qualquer tentativa de acordo, cessar-fogo, proposta de paz etc., padecerá de uma estabilidade frágil, que poderá ser quebrada a qualquer momento. O fundamento está na crise geral do capitalismo, que avança a olhos vistos em todas as latitudes, seja na ampliação dos governos e tendências de direita e ultra-direita, como na América Latina, seja na espoliação do trabalho alheio praticado pela burguesia com o auxílio dos governos que aplicam as medidas de ajuste fiscal, seja no intervencionismo do imperialismo sobre as semicolônias, com no caso de diversos países africanos e latino-americanos, em especial na Venezuela e em Cuba. Seja ainda no crescente conflito do imperialismo estadunidense contra a China, que por sua vez tem ampliado sua capacidade militar e feito demonstrações bélicas contundentes, como o recente exercício militar no Estreito de Taiwan.

A situação internacional exige uma resposta política à altura. A contradição é que as direções políticas do movimento social, como as direções das centrais sindicais, dos movimentos populares e estudantis estão até o pescoço afundados no eleitoralismo, enquanto se limitam a prestar um impotente apoio verbal. Os trabalhadores e trabalhadoras devem compreender esses acontecimentos para avaliar corretamente o posicionamento e a prática das suas direções políticas. Muitos falarão em soberania nacional nas eleições, mas são inconsequentes, já que a defesa da soberania nacional em nosso país passa pela luta de morte para que todas as nações oprimidas tenham sua soberania, hoje isso significa colocar todas as suas forças em defesa da Palestina.

O caminho continua sendo o de construir a frente única anti-imperialista, desde o Brasil, sob a direção da classe operária e dos demais trabalhadores explorados. Essa frente certamente impulsionaria os demais países latino-americanos e de outras partes do mundo para combater consequentemente os principais responsáveis pela barbárie imposta aos palestinos e aos oprimidos do mundo todo, os EUA, Israel e seus apoiadores e financiadores na Europa.

Pesa sobre os palestinos o atraso na construção do partido revolucionário, como parte do objetivo de reconstrução do partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional. Um partido marxista-leninista-trotskista que tenha por estratégia histórica a luta pela República Socialista da Palestina e pelos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio. É com esse programa que se pode impulsionar a luta proletária internacionalista. É com o programa da revolução social que a resistência heroica do povo palestino por sua libertação reunirá forças em todo o Oriente Médio para vencer a dominação dos Estados Unidos e a barbárie colonialista imposta pelo Estado Sionista de Israel. O atraso em construir o partido da revolução proletária tem como consequência o predomínio pequeno-burguês das direções e organizações que apoiam a Palestina, mas que conduzem, na prática, uma política pacifista, incapaz de combater o sionismo e o imperialismo.

Por uma frente única anti-imperialista!

Toda força às manifestações de apoio à Palestina!

Por uma República Socialista da Palestina, como parte dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio!

Todo empenho na reconstrução da IV Internacional!